Daniel Brandão
Diretor Executivo

Notícias do Campo

Avaliação da Articulação Xingu-Araguaia (AXA)

"Vale dos Esquecidos" era a referência de outrora para a região inserida nos contornos do Arco do Desmatamento da Floresta Amazônica, localizada em terras que circunscrevem o entorno do Parque Indígena do Xingu (MT). A colonização por meio de assentamentos de reforma agrária foi parte da estratégia de ocupação social e econômica do território, orientada por políticas que privilegiaram modelos produtivos de alto impacto ambiental, com a pecuária como atividade central e o desmatamento e as queimadas na base de sua instalação na região.

A adoção de sistemas produtivos ancorados na criação de gado reduziu a diversidade da flora e fauna, produziu um quadro de redução da renda das famílias e severa insegurança alimentar. Enfrentar esses desafios nos assentamentos foi a intervenção escolhida por organizações da sociedade civil que passaram a apoiar os produtores rurais a construir alternativas produtivas lastradas no desenvolvimento sustentável.

O Instituto Socioambiental (ISA), a Comissão Pastoral da Terra (CPT) e a Associação de Educação e Assistência Social Nossa Senhora de Assunção (ANSA) têm destacada atuação nos assentamentos da região e, de maneira convergente, adotaram sistemas agroflorestais (SAFs) como pilares para fortalecer a produção nos lotes rurais. Porém, a atuação isolada dessas organizações cristalizaram sua limitada incidência política e dificultaram a ampliação de seu repertório técnico. A Articulação Xingu-Araguaia (AXA) foi então criada como dispositivo estratégico para integrar as ações desses grupos e fortalecer sua capacidade de transformação local. Além de envolver três organizações com histórico consolidado de atuação na região, a Operação Amazônia Nativa (OPAN), que trabalha com questões indígenas, foi convidada a integrar a articulação.

Após anos de atuação coletiva, a AXA decidiu empreender uma avaliação externa que a ajudasse a aprender a partir das próprias experiências, observando os resultados de sua intervenção e apoiando suas futuras ações. A Move foi então convidada a liderar esse processo.

O desenho da avaliação tinha inspiração participativa, no qual a AXA era a instância deliberativa das decisões centrais sobre o processo, além de espaço de reflexões e aprendizagens. Para viabilizar o trabalho, o envolvimento dos grupos assentados nas decisões sobre o plano de avaliação teria caráter consultivo, com ampla participação em debates que formariam a base das informações a serem analisadas e acesso aos resultados que lhes seriam apresentados pela AXA.

O plano de avaliação tinha quatro etapas. A primeira é dedicada a consolidar o sentido da avaliação, seus objetivos e perguntas orientadoras, o que foi feito com as lideranças da AXA por meio de uma oficina de dois dias de duração, na pequena São Félix do Araguaia (MT).

Durante a oficina, que também buscava ampliar a capacidade avaliatória do grupo, criando espaços para partilhar experiências e alinhar conceitos, foram definidas as perguntas de avaliação.

Destacou-se aí a intenção da AXA em conhecer os impactos da intervenção e observar a sua contribuição para o desenvolvimento de uma cultura agroflorestal nos assentamentos. As perguntas de avaliação eram as seguintes:

01 **Quais mudanças, promovidas pelo projeto, ocorreram nos assentamentos?**

02 **Em que medida a AXA contribuiu com essas mudanças?**

03 **Quais fatores de contexto influenciaram o trabalho desenvolvido nos assentamentos?**

04 **Qual a visão dos assentados sobre as instituições?**

Essas perguntas, que eram acompanhadas de uma séria de elementos internos que detalhavam os elementos serem observados em campo, permitiu o desenho preciso das estratégias de coleta de informações. Considerando a amostra de três assentamentos, o tempo e os recursos financeiros disponíveis para esse processo a Move optou por atuar com um modelo misto de avaliação, com a integração de técnicas quantitativas e qualitativas, e que respeitava a nossa tradição de buscar diferentes e complementares formas de ler uma realidade social.

A adoção de uma via de coleta de dados orientada por questionários e acompanhada de um expressivo conjunto de grupos focais e entrevistas a ser realizado junto a diferentes atores sociais no assentamento não se mostrava uma novidade. A ousadia da proposta estava na sua escolha por um modelo comparativo em que a situação de produtores rurais que participaram dos projetos realizados pelas organizações envolvidas com a AXA seria comparada com a situação de produtores rurais não participantes das intervenções. Em linhas gerais, era essa a segunda etapa do processo de avaliação.

Esse modelo comparativo é tributário do importante debate em torno da causalidade em avaliação, conforme publicamos em documento anterior.* Com preocupação para a aplicação prática das construções teóricas, construímos uma estratégia tecnicamente flexível para fazer o pareamento dos grupos de comparação, escapando das exigências dos modelos experimentais. Assim, as informações foram levantadas junto a produtores beneficiados pelo projeto e alguns de seus vizinhos, que deveriam se distinguir pela característica de não ter participado da intervenção da AXA. Entre os grupos focais realizados, em que tanto produtores participantes quanto não participantes foram escutados, dois perfis merecem destaque. A avaliação preocupou-se em fazer um recorte de gênero e conhecer as perspectivas específicas das mulheres dos assentamentos.

Outro grupo foi formado apenas por jovens, e foi reunido em escolas públicas, para levantar a imagem de futuro que as novas gerações têm dos sistemas produtivos de seus lotes, a relação que têm com a terra e suas perspectivas sobre o futuro, o que resultou em ótimos elementos para se refletir sobre o cenário de médio a longo prazo dos assentamentos. A análise das informações, terceira etapa do processo de avaliação, deu origem a uma vasta quantidade de textos e tabelas. O estudo dos discursos gerou um documento com uma rica descrição dos assentamentos e procurou articular reflexões dos vários atores que tomaram partes nas entrevistas e grupos focais. Nesse momento, nosso desejo era ajudar a constituir espaços adequados para que os dados se tornassem saberes apropriados pelas pessoas de forma a contribuir para que cada ator tivesse compreensões e tomasse decisões em pontos firmes, generosos e críticos com iniciativa.

De posse dos relatórios, o grupo se encontrou para iniciar uma longa conversa, já na quarta etapa da avaliação. Juntamente com a apresentação dos resultados centrais, esse momento foi marcado por perguntas provocativas que pudessem mobilizar o grupo a abrir-se para o que a avaliação lhes trazia, ampliando seus olhares sobre o próprio trabalho. Nesses encontros, momentos de silêncio foram mesclados a falas entusiastas, num balanço entre amadurecimento crítico e celebração dos resultados.

O papel que procuramos exercer foi o de apoiar o grupo a aprofundar seu olhar sobre o projeto, tendo como base os resultados da avaliação, por meio de questões e exercícios que navegavam entre momentos individuais e coletivos. Nasceram visões fortes e críticas sobre a intervenção, com convites a rupturas naquela lógica de atuação. A força e a legitimidade que essas orientações ganharam parecia inquestionável, em função de emergirem das próprias lideranças da AXA. A envergadura do desafio a ser enfrentado, caso a articulação ambicionasse ampliar seu impacto socioambiental em assentamentos de reforma agrária, ficou cristalina. A avaliação cumpria a importante missão de apoiar o grupo a ter uma clara imagem de seu trabalho, compreendendo suas forças e limitações. Assim, o movimento de desenvolvimento do grupo era agora enriquecido por questões trazidas pela avaliação e por perspectivas que impulsionavam a articulação a planejar o futuro.

*A Nota Técnica 01 da MOVE (2011) foi dedicada a este tema e pode ser encontrada no site da empresa.